

# Experiência ajuda a eleger o candidato?

Muitos dos candidatos que disputam o voto do brasileiro já vêm calejados de experiências anteriores de campanha eleitoral. Alguns, como Carlos Murilo (PMDB), já foram deputados. Outros foram prefeitos e há também quem nunca tenha conseguido o sabor da vitória nas urnas.

A caixinha de supresas nem sempre sorri aos que disputam as eleições. Mas, se experiência e currículo forem decisivos, os que já disputaram em outras ocasiões em seus Estados de origem terão mais chances de se eleger agora.

JEOVA FRANKLIN  
Da Editoria de Política

Muitos querem se valer das lições antigas para não mais colher surpresas desagradáveis. Um deles, por exemplo, Manoel Oseas Ferreira, candidato ao Senado pelo PMB—Partido Municipalista Brasileiro — já encontrou a fórmula infalível de colher votos e não decepções da urna eleitoral. Calejado por quatro tentativas (1970, 1974, 1978 e 1982) de se ver eleito deputado pelo estado de Goiás, ficando sempre com a 4<sup>a</sup> ou 5<sup>a</sup> suplência, espera agora chegar ao final da corrida como titular.

Sua fórmula secreta é desenvolvida em várias etapas. As duas primeiras — já executadas — não deram o resultado esperado. Todavia, a terceira — chamada de operação tanajura — vai muito bem, sim senhor. A etapa seguinte será detonada a partir de 15 de novembro — trata-se da operação morcego. E decisiva, mas se depara com um porém. Para executá-la, precisa de um capital de Cr\$ 100 mil a Cr\$ 200 mil, quantia que ele não dispõe. E nem sabe como consegui-la.

Paulo Xavier foi um dos veteranos menos traídos pelas urnas. Conseguiu em 1982, na Paraíba, uma suplência para a Câmara dos Deputados. No meio do ano, já quase no fim da legislatura, chegou a titular, com a morte de Ernani Sátiro. Não tem fórmula mágica para vencer as eleições, mas apenas uma estratégia de trabalho com visitas, principalmente, a tirar os 90% de indecisos de "cima do muro".

Acha que, ao contrário dos eleitores paraibanos, o brasileiro não tem ainda sua opção política. Por um mecanismo de defesa, ele se mantém em silêncio a observar. Nessa atitude de cautela, ele vê um campo fértil para sua mensagem de candidato comprometido com a Igreja Católica, mas arreio a qualquer posição de esquerda.

Para Carlos Murilo, mineiro, primo de JK, as urnas das montanhas não lhe trouxeram surpresas nem decepções. Nas ganhou um mandato para deputado estadual (1954) e outro de deputado federal. Em 1969 teve seus direitos políticos cassados pelo AI-5, recuperados em 1982 pela anistia, participando da campanha de Tancredo Neves em Minas e em Brasília se envolve pela "Diretas Já".

Das montanhas para o cerrado, acha que as urnas podem mudar de feições. Lá ele tinha parâmetros construídos pela vivência e tradição. Aqui vê menos devassável o mistério das urnas. Em Brasília pode se percorrer tudo o reduto eleitoral num só dia. Em Minas, são milhares de quilôme-

tros a separarem um eleitor do outro. Apesar da concentração populacional, no cerrado as lideranças estão muito polarizadas. Mineiro gosta de político; o candango, não. Já quanto aos cabos eleitorais, a diferença está no fato de os brasilienses estarem ainda se iniciando nas matreirices.

Joselito Correia, candidato a deputado federal pelo PMDB, é de uma família tradicional de políticos do interior da Bahia (Rio de Contas). Saiu de Brasília (veio para cá em 1963) para se candidatar a deputado estadual lá, depois de ter ajudado a fundar no Estado, a pedido de Tancredo Neves — segundo diz —, o PP—Partido Popular. Se considera diplomado em pós-graduação política com essa experiência baiana.

Ao contrário de Carlos Murilo, considera o cabo eleitoral de Brasília já formado. São pessoas com lideranças já firmadas e que alimentam um projeto político. Difere dos cabos eleitorais tradicionais, eles não têm voto a vender.

*Se experiência for decisiva, eles, que já são calejados profissionais, saem na frente. Eles são os candidatos que já disputaram eleições em outros Estados e que, agora tentam usar, nessa primeira disputa de Brasília, a experiência acumulada. Que nem sempre é sucesso.*



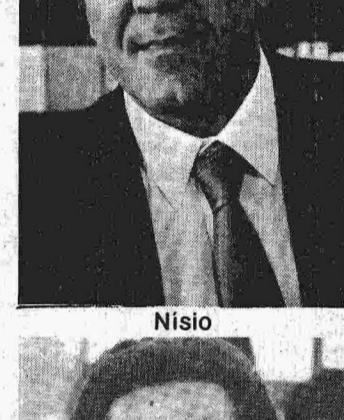
Murilo e Joselito



Cecília



Paulo Xavier



Nísio



Manoel Oseas

Nísio Tostes (candidato ao Senado pelo PSC—Partido Social Cristão) foi candidato duas vezes à Câmara Federal, por Minas Gerais, nos tempos em que era perigoso fazer oposição ao regime militar. Disse não ter colhido decepções das urnas simplesmente porque delas nada esperava. Seu nome era apenas para fazer número, já que a legenda era "maldita" e nela ninguém queria correr. Em 1966 — lembra — o partido poderia apresentar 64 candidatos e não conseguiu registrar 18. Como nos tempos de Minas, não alimenta muita esperança nas urnas brasilienses. Diz ter sido expulso do PMDB do Distrito Federal pela invasão malufista.

Experiência e tradição política é o que não falta a Cecília de Queiroz Campos, candidata a deputada federal pelo PTB. Dois irmãos vereadores no sul de Minas, em Jacutinga, um dos quais — Francisco de Queiroz Campos — um dos fundadores da UDN mineira. Irmã de Wilson Campos (Senador pernambucano cassado por corrupção) e tia de Carlos Wilson, deputado federal, também de Pernambuco. Ela não se arrisca a traçar qualquer perspectiva com relação às urnas brasilienses. Para ela, o cabo eleitoral é uma figura inexiste no planalto central. Candidatou-se duas vezes a deputada federal, pelo Rio de Janeiro. Em 1974, graças aos votos obtidos de eleitores residentes em Brasília ficou com a 3<sup>a</sup> suplência e em 1982, chegou à primeira suplência, sem fazer campanha lá.